

CEILÂNDIA

Rogério Dy La Fuente
Da equipe do **Correio**

Daiany Nogueira Granja, 11 anos, moradora da QNO 19 na Expansão do Setor O da Ceilândia, esqueceu-se que ontem seria seu primeiro dia de aulas. Não era para menos, no colégio em que estuda, a Escola Classe (EC) 55, na EQNO 18/20, o que menos há é aula. "Sempre falta professor", reclama a menina.

A queixa é reforçada por Analice Alves Almeida, 31, diretora da escola. "Tenho quatro turmas de 5ª série do primeiro grau pela manhã e só tenho dois professores de Geografia e História. À tarde, o quadro é mais crítico ainda: são dezesseis turmas de 1ª a 4ª séries e apenas duas delas têm professor", diz, desesperada, Analice.

Somente quando passava perto da escola e viu o movimento, Daiany desconfiou de que poderia estar perdendo alguma coisa. Às 10h30 entrou no colégio e encontrou uma enorme fila. Eram pais fazendo a matrícula de alunos que vieram transferidos ou perderam o prazo normal de inscrições. "Acho que perdi a aula", dizia.

Ao procurar o nome nas listas afixadas fora da escola e que continham os integrantes das turmas de cada turno, Daiany não percebeu que no final de sua turma, assim como na maioria das outras, constava a inscrição em pincel atômico de cor vermelha: "Não tem professor".

FALTA DE RECREIO

Daiany decidiu então ir até a sala de aula onde deveriam estar seus colegas e a professora. Deu de cara com uma sala velha, sem iluminação, com buracos na parede e completamente vazia. "A tia deve ter mandado o pessoal para casa", disse ela, que participa de um projeto da Fundação Educacional do Distrito Federal (FEDF), denominado *Reintegração*. O projeto é dedicado aos alunos que repetem alguma série do Ciclo Básico de Alfabetização (CBA).

O mau estado de conservação da sala não impressionou a menina. "Já estou acostumada a estudar aqui", disse, já informada de que a professora que lhe ensinará este ano ainda

Carlos Eduardo



Na sala com um rombo na parede, Daiany Nogueira Granja espera pela aula que não houve. A falta de professores é um dos problemas mais graves da Escola Classe 55

não está designada. "No projeto é legal, a gente tem dois lanches por dia", conta Daiany. "A única coisa que sinto falta aqui na escola é de recreio. A gente não tem."

"Depois da falta de professores, nosso principal problema é a insegurança. Quando o Batalhão Escolar não está aqui, é inseguro mesmo. Por isso chegamos a suspender o re-

creio", justifica a diretora. "A situação já melhorou bastante", afirma Ricardo de Paula Batista, soldado do Batalhão Escolar que faz ronda na EC 55.

"Ficamos aqui das 7h às 15h e graças a Deus não temos tido grandes problemas", afirma o soldado. Segundo Analice, só a boa vontade dos policiais militares não tem sido suficiente. "Na sexta-feira, em questão

de segundos, foram roubadas as bolsas da vice-diretora e de uma assistente", conta.

MEADOS DE MARÇO

Tanto a diretora da Escola Classe 55 quanto Orlando Carneiro, diretor regional de ensino da Ceilândia, acreditam que ao final da primeira quinzena de março a falta de profes-

sores deverá estar superada.

"Começamos o ano com 718 carências de professores na rede pública da Ceilândia. Parte disso deve-se ao cancelamento do concurso de remoções externas e do remanejamento interno de docentes", esclarece Orlando. Segundo ele, diferentemente do ano passado, quando 80% dos professores da EC 55 foram

contratados temporariamente, em 1997 os concursados serão chamados.

"Os contratos temporários cobrirão apenas as 150 vagas de professores que, mensalmente, se ausentam por licença médica", calcula Orlando. Na rede de ensino público da Ceilândia há 3,2 mil professores. "O que pretendemos é que pelo menos a remoção interna na Ceilândia seja feita. Assim evita-se que a insatisfação dos professores que desejam trocar de colégio dure muito."

A EC 55 fica é a escola mais afastada do centro da cidade, por isso tem dificuldade em atrair professores. "Esse filme eu já vi. Dos professores que tenho aqui, a maioria quer tentar remoção para outra escola melhor. Acabaremos mantendo o problema", prevê Analice.

Nas escolas mais centrais da Ceilândia a falta de professores também ocorre, mas em menor escala. "Temos falta de professores de Química, Física, Matemática e História,

mas estamos tentando compensar essa deficiência na formulação das grades de horários", diz Sebastião Honório dos Reis, vice-diretor do Centro Educacional (CE) 03, que fica próximo à sede da Administração Regional da cidade. No Três, como o chamam os estudantes, há 3 mil alunos. Da 7ª série do 1º grau à 3ª série do 2º grau.